

## ABORDAGEM HISTÓRICA E METODOLÓGICA DA LITERATURA DOS VIAJANTES

*Thais Dantas Domingos*

Graduada em História pela UFES

Nas últimas décadas do século XX, os relatos dos viajantes vêm sendo objeto de análise de diversos campos do conhecimento, dentre os quais se destacam os da História, da crítica literária e da Antropologia. Tais relatos têm interessado sobretudo como fonte de pesquisa, já que apresentam descrições detalhadas de aspectos da vida cotidiana (coletiva e/ou individual) das populações observadas.

Estas fontes constituem representações e reinvenções de realidades produzidas a partir da ótica de um sujeito, homens que através do seu olhar construíram, ora via ciência, ora via arte, um novo viés do imperialismo europeu. São representações compostas por ideologias, pré-conceitos e estereótipos, que impossibilitam uma visão neutra da realidade observada.

Este estudo é uma tentativa de elucidar as diversas nuances da literatura de viajantes, suas representações, símbolos e visão do mundo não europeu do século XIX. Essa tarefa só foi possível devido à obra tenaz e contundente “Os olhos do império: relato e transculturação”, da autora canadense Mary Louise Pratt. Ao eleger para análise a literatura de viajantes que relataram suas viagens à África e a América, a autora faz uma crítica da ideologia relacionada à produção, circulação e consumo de suas obras, que contribuíram para a construção das representações do mundo não europeu.

Baseado em farta documentação, o estudo de Mary Pratt estabelece distinções entre as formas do imperialismo europeu no século XVI e no século XVIII. No século XVI, o projeto europeu imperialista visava, através da circunavegação, a um feito duplo, que consistia na navegação ao redor do

mundo, seguido de relato escrito. Desse modo, os navegadores europeus mapeariam todo o perfil costeiro do mundo. O Novo Mundo, aparecia na literatura de viajantes numa narração de gênero fantástico e maravilhoso. Esse mundo, ora edênico, ora nefasto, era narrado por náufragos europeus em seus relatos de viagem no século XVI.

Na segunda metade do século XVIII, com a emergência da história natural como uma estrutura de conhecimento e o impulso à exploração continental, os europeus adentrando as fronteiras do novo mundo não com a experiência do século XVI, que partira do conhecimento superficial da realidade observada, mas sob o imperialismo, fenômeno econômico-político que produz visões de mundo, auto-imagens, estereótipos étnicos, sociais e geográficos tangíveis, interferindo nas mentes. A essas representações do imaginário colonial, Pratt chama de *anticonquista*.

A narrativa da “anticonquista”, na qual o naturalista naturaliza a própria presença mundial e autoridade do burguês europeu, procura descrever de que maneira, no século XVIII, o imperialismo europeu se impõe através da Ciência.

A “estratégia da inocência” adotada pelos naturalistas da segunda metade do século XVIII fazia parte também do discurso da anticonquista. Essa estratégia forjou a imagem do viajante benigno que não intervinha na realidade observada. Este era um indivíduo letrado que trazia consigo uma bolsa de colecionador, um caderno de notas e alguns frascos de espécimes, não desejando nada mais do que umas poucas horas com os insetos e flores do Novo Mundo. Todavia, a autora descreve esse processo como um esquema classificatório global, que visa categorizar todas as formas vegetais do planeta, fossem elas conhecidas ou desconhecidas dos europeus. Além disso, esse processo classificatório interessava ao imperialismo europeu do século XVIII. Segundo a autora,

“(…) o que se conta é a história dos europeus sob o processo de urbanização e industrialização, à procura de relações não exploradoras com a natureza, mesmo que tais relações estivessem sendo destruídas por eles em seus próprios centros de poder. (...) o que também está em elaboração é uma narrativa de “anticonquista”, na qual o naturalista naturaliza a própria presença mundial e a autoridade do burguês europeu. Esta narrativa naturalista manteria uma enorme força ideológica por todo o século XIX, e permanece muito presente hoje em dia, entre nós.” (Pratt, p.60-61)

As viagens e a literatura de viajantes foram fundamentais para os europeus, na construção de uma visão holística de mundo do que a autora chama de “consciência planetária”. Essa visão permitiu que o mundo não europeu conhecesse e se conhecesse (Novo Mundo) através dos olhos dos viajantes e seus relatos de viagens. Esse mundo pertencia à esfera de influência Eurocêntrica.

A autora perscruta essa história natural e mostra que existe um determinismo europeu em construir uma identidade global, uma “consciência planetária” da Europa, (...) uma versão marcada pela tendência à exploração do interior e pela construção do significado em nível global por meio dos aparatos descritivos da história natural. Esta nova consciência planetária, (...) é elemento básico na construção do moderno eurocentrismo (...).” (Pratt, p. 42)

Mary Pratt utiliza o conceito de “zona de contato” como sinônimo de “fronteira colonial”, lugar onde se trava o encontro entre europeus e não europeus no espaço colonial. Explicita o conceito de “zona de contato”, se refere “ (...) ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada”.<sup>1</sup>

No final do século XVIII, surge o relato de viagem sentimental que se baseava em tradições mais antigas daquilo que a autora chama de “literatura de sobrevivência” – histórias em primeira pessoa retratando naufrágios, naufragos, motins, abandonos e cativos. Uma retomada ao estilo dos relatos fantásticos de aventureiros do século XVI.

A literatura de sobrevivência ou sentimental já tinha desenvolvido os temas do sexo e escravidão que tão intensamente foram narrados. Experiências de naufragos que se tornaram escravos de pagãos infiéis e casamentos entre prisioneiros europeus e não europeus configuraram alternativas relativizadoras dentro do contato intercultural: europeus e não europeus, europeus sendo assimilados por sociedades não européias, e europeus participando da fundação de novas ordens sociais transraciais. Recorde-se que a história sempre era contada do ponto de vista do europeu que retornava a sua metrópole.

Interessante observar que o relato de viagem sentimental surgiu durante a crise dos movimentos de independência nas colônias hispano-americanas e

1. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.

a forte campanha abolicionista. Esse gênero literário foi absorvido pelo discurso abolicionista, questionava-se uma nova ordem; imaginava-se um novo mundo que transcendesse a escravidão e a conquista militar. Esses relatos, como informa Pratt ( p. 174), destacam “.. os enredos de amor transracional como imagens nas quais a supremacia europeia é garantida por laços sociais e afetivos, onde o sexo substitui a escravidão como a forma de outros serem vistos para pertencerem ao homem branco; (...) o amor romântico, e não mais a servidão filial ou a força, garante a submissão voluntária do colonizado”.

Nas últimas décadas do século XVIII, essa literatura sentimental se torna hegemônica na Europa e nos respectivos países leitores das “aventuras” dos viajantes. A perspectiva romântica do contato de viajantes europeus no mundo africano e americano foi projetada, pelo olhar eurocêntrico dos viajantes, para o resto do mundo.

Na concepção de Pratt, o nativo não constitui uma mera vítima do sistema imperialista. Ela o qualifica como aquele que estabelece uma troca e influencia o colonizador. Assim, ele filtra até mesmo a cultura dominante, selecionando os aspectos que mais lhe interessam, e coloca em suspensão essas influências. A interação entre cultura europeia e não europeia proporcionou a construção do imaginário social colonial. Esse encontro de culturas diversas se deu na “zona de contato”, como ressalta Mary Pratt. O conceito de transculturação da autora está condensado na seguinte afirmativa :

“ Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam. Transculturação é um fenômeno da zona de contato”. (p.30)

Os viajantes do princípio do século XIX eram freqüentemente enviados para o novo “continente”, por companhia de investidores europeus, como especialistas à procura de recursos exploráveis, contatos e contratos com as elites locais.

“Ao contrário dos exploradores e naturalistas, estes viajantes da década de 1820 não registraram realidades que supunham novas; não se apresentaram como descobridores de um mundo primal; e os fragmentos de natureza que coletavam eram amostras de matérias primas, (...) a retórica contemplativa e estetizante da descoberta é freqüentemente substituída por uma retórica de consecução de objetivos, de conquista e realizações. (...) a sociedade hispano-

americana é apresentada nesta literatura principalmente como obstáculo logístico ao movimento avançado dos europeus”.( Pratt, p.256-257)

Alguns críticos literários fizeram uma forte crítica à descrição simplista da difusão e do choque entre nativo e homem branco, no novo continente. Os verdadeiros interesses da Europa ficavam claros, e o relato sentimental dos viajantes entrou em desuso com a nova ordem do sistema da economia mundial.

“ (...) o exotismo e a estética do espectador de Humboldt e seus seguidores são totalmente abandonados. (...) os escritos de Humboldt são especificamente selecionados como objeto de crítica. (...) edênico e o pastoral são freqüentemente substituídos, nos escritos da vanguarda capitalista, por uma visão extrativista modernizadora, bem exemplificada pela metáfora “devaneio industrial”. ” (Pratt, p.260)

No século XX, vêm à tona os relatos do escritor andino Guaman Poma, datados de 1612. Em sua Nova Crônica, ele historia os costumes incas e relata as formas de exploração espanhola sobre a população indígena andina: a escravidão compulsória e o trabalho na mita. Mostra ilustrações do relevo e da vegetação andina. Trata-se de uma carta de 1000 páginas, endereçada ao rei espanhol Felipe II, escrita em espanhol e quíchua. Esse documento tornou-se um marco, não só como relato, mas sobretudo como expressão dos nativos e a própria leitura que estes fazem de si mesmos.

Para Mary Pratt, trata-se de um texto de “auto-etnografia”, ou expressão etnográfica. “(...) instância nas quais os indivíduos das colônias empreendem a representação de si mesmos de forma comprometida com os termos do colonizador. Se os textos etnográficos são o meio pelo qual os europeus representam para si os outros, textos auto-etnográficos são aqueles que os demais constroem em resposta (...) as representações metropolitanas”.( Pratt, p.33)

Interessante é compreendermos que esses textos auto-etnográficos são a porta de entrada da cultura colonial para o mundo civilizado metropolitano. São reproduções de costumes, hábitos, cultura e até mesmo da língua metropolitana. Essa experiência é uma tentativa de tornar-se aceito pelo mundo civilizado. Tal processo se dá na zona de contato.

“A descolonização do conhecimento pelos quais o Ocidente (a) constrói seu conhecimento de mundo, alinhado às suas ambições econômicas e políticas, e

(b) subjuga e absorve os conhecimentos de outros. Estes dois mecanismos eram centrais para produzir os temas do imperialismo e do colonialismo, e sua desconstrução é essencial, se eles forem substituídos por formas de comunicação transcultural que sejam eticamente justas e epistemologicamente válidas” (Pratt, p. 16)

Concluindo, todos os conceitos desenvolvidos pela autora Mary Pratt, tais como: zona de contato, transculturação, anticonquista, consciência planetária, auto-etnografia nos ajudam a fazer uma leitura mais crítica sobre os relatos de viajantes, viabilizam uma nova metodologia na produção historiográfica. Narrativas como “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, do pintor francês Debret, por exemplo, pode ser analisada com muito mais critério e rigor, quando baseada no referencial de Pratt. Nessa obra, o pintor faz minuciosa observação e estudo do cotidiano da sociedade brasileira no século XIX, tema que se pretende aprofundar. O foco central da pesquisa que vou realizar recai sobre as atividades dos “negros de ganho” nos centros urbanos naquele século, vistas sob a ótica de viajantes como Debret.

• • •

#### BIBLIOGRAFIA

PRATT, M. L. *Os olhos do Império: relato de viagem e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999.

DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.